



Cultura

Revista de História e Teoria das Ideias

Vol. 29 | 2012

Percursos da Filosofia do Conhecimento no século XX
em Portugal e no Brasil

Miguel Reale

o conhecimento do possível ou o possível do conhecimento

Miguel Reale: The Knowledge of Possibility or the Possibility of Knowledge

Luís Lóia



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/1037>

DOI: 10.4000/cultura.1037

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 Junho 2012

Paginação: 91-98

ISSN: 0870-4546

Referência eletrónica

Luís Lóia, « Miguel Reale », *Cultura* [Online], Vol. 29 | 2012, posto online no dia 31 outubro 2013, consultado a 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/1037> ; DOI : 10.4000/cultura.1037

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 Abril 2019.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

Miguel Reale

o conhecimento do possível ou o possível do conhecimento

Miguel Reale: The Knowledge of Possibility or the Possibility of Knowledge

Luís Lóia

- 1 Na sua obra *Introdução à Filosofia*¹, Miguel Reale sustenta que a Filosofia se desdobra em três grandes áreas, a saber:
 - Teoria Geral do Conhecimento, ou da validade do pensamento em sua estrutura e com relação aos objectos, que compreende a Lógica e a Ontognosiologia;
 - Teoria dos Valores ou Axiologia que compreende Ética, Estética, Filosofia da Religião, etc.;
 - Metafísica, como teoria primordial do ser ou, numa compreensão mais actual, como fundação originária do ser e da existência.
- 2 Embora possam ser concebidas como três grandes áreas da indagação filosófica, a sua unidade, segundo Miguel Reale, é garantida pela primeira, nomeadamente, pela Ontognosiologia.
- 3 Segundo o autor:

A Gnoseologia respeita à capacidade ou às condições do sujeito, e a Ontologia refere-se às estruturas ou formas dos objectos em geral.
- 4 Ora, segundo o autor, toda a indagação gnosiológica implica uma ôntica e vice-versa, como partes integrantes da mesma Ontognosiologia².
- 5 Para a compreensão da Ontognosiologia de Reale, é necessário perceber que este considera o ser humano, como animal racional que é, um ser que existe no mundo e nesse mundo faz experiência de si e desse mundo. Neste sentido, é, antes de mais, ser de conhecimento, essa é a sua condição. Assim, podemos afirmar que a Ontognosiologia de Miguel Reale se constitui como uma teoria geral da experiência, onde se concretizam e se relacionam dialecticamente o ser e o conhecer.
- 6 No âmbito do conhecimento dá-se a relação entre um sujeito cognoscente e um objecto cognoscível. É essa relação que põe o sujeito porque este só o é em função de um objecto e também o objecto, que o é em função do sujeito para quem é. Deste modo, como afirma, o

conhecimento será sempre uma «correlação dinâmica entre o que há de imanente no sujeito que conhece e o que há de imanente no real, num processo aberto a sempre novas integrações cognoscitivas»³.

- 7 Ora, este encontro e tal abertura só é possível no campo da experiência histórica, em que sujeito e objecto se encontram face a face. Admitir, no âmbito do conhecimento, algo para além desse encontro é entrar no campo da metafísica, e desse campo, segundo Reale, não fazemos experiência e, como tal, não se pode aí, propriamente, falar em conhecimento. Seria a experiência metafísica, se a houvesse, que poderia fornecer uma compreensão da totalidade do saber acerca do Ser – tal, simplesmente, pela natureza humana, não é possível. Aí só é possível conjecturar.
- 8 Para o autor, não há experiência metafísica, o que não quer dizer que não exista uma inquirição metafísica. Todo o conhecimento consiste numa dialéctica complementar entre aquele que conhece e aquilo que é conhecido. Tal dialéctica só é possível se os dois termos do processo de conhecimento se relacionarem. Ora, as noções metafísicas que se apresentam como “totalidades” não admitem, por esse facto, serem termos de uma relação de complementaridade.
- 9 Como afirmado, na experiência encontram-se face a face um sujeito que conhece e um objecto que é conhecido, neste encontro está colocado um sujeito com determinações *a priori* de intencionalidade e percepção, de imediato, o objecto que se lhe opõe. Mas, segundo Miguel Reale, o objecto também possui determinantes *a priori* que condicionam o processo do conhecimento, nem que seja o poder dar-se ao conhecimento e o de assumir sentido e valor que lhe é posto pelo sujeito em virtude daquilo que ele é.
- 10 Neste sentido, situamo-nos ao nível das experiências que fazemos no mundo e na história, no dizer do autor, nas experiências concretas, e aí todas as experiências, sejam de que natureza forem, são igualmente válidas.
- 11 Assim como se estabelece uma relação dialéctica de complementaridade entre sujeito e objecto em cada experiência, também podemos afirmar que todo o tipo de experiência é complementar a qualquer outro, pois todas são horizontalmente integráveis, pois todas podem ser objecto de conhecimento científico. Nesta horizontalidade integradora das diferentes experiências se descobre a verdade.
- 12 Como afirma:

Ao longo da história desenrolam-se experiências humanas distintas, mas interligadas e funcionais, tais como a experiência físico-natural e a experiência ética ou a experiência artística, subordinada cada uma delas a categorias e leis próprias, mas unidas, desde a origem, graças à força ordenadora e sintética do espírito, operando sobre as estruturas determináveis do real.⁴
- 13 Há uma ordem de valor e de sentido que é transcendental à experiência e tal ordem funda-se na consciência do sujeito cognoscente, pois que a abordagem fenomenológica que faz da experiência, pretendendo determiná-la em termos transcendentais, radica na consciência. Por transcendentais entende as condições possíveis de todo o conhecimento fenoménico, não apenas da fenomenalidade empírica mas de tudo o que experienciável. O sujeito do conhecimento abarca e põe todas as dimensões da realidade, pois que o conhecimento é um processo concreto, histórico e progressivo e por isso postulador de valores.
- 14 Na experiência assiste-se a uma dialéctica complementar entre um sujeito e um objecto, mas essa relação pressupõe, desde logo, uma unidade entre a teoria e a prática. Aqui, o

sujeito cognoscente intenta o objecto, intenciona-o, confere-lhe sentido e valor e por isso descobre-se como sujeito.

- 15 Para Reale, o encontro entre sujeito e objecto é possibilitado pela consciência intencional do sujeito. Esta intencionalidade constitui-se, em primeiro lugar, como consciência de si por correlação com a consciência do que lhe é distinto. É o que lhe é distinto que permite constatar-se a si como consciência e é como consciência que pode conceber ou intencionar um outro de si. Deste modo se compreende a dialéctica dos elementos do conhecimento, dos termos da relação complementar de sujeito e objecto.
- 16 Não se trata da diluição do objecto na esfera do sujeito. Observando os princípios lógicos da identidade e da não contradição, compreende o autor que a oposição dos termos não significa uma contradição dos termos e, por outro lado, esta oposição é uma oposição aberta a uma relação de complementaridade. O objecto é objecto com uma natureza própria e distinta, mas é-o para um sujeito. O sujeito é-o porque tem um objecto. O sujeito atribui sentido e valor ao objecto; o objecto certifica o sujeito, preenche-lhe e identifica-o como sujeito, possibilitando-lhe a experiência e o conhecimento.
- 17 Todo o dado à consciência é dado a um sujeito e é o sujeito que lhe atribui sentido e, desse modo, se apropria do objecto. Ao fazê-lo afirma-se como livre, como dador de sentido e, portanto, como dador ou autor de valor. Na dialéctica entre sujeito e objecto, no processo do conhecimento, emerge o valor, a determinação axiológica.
- 18 Na relação entre os termos necessariamente se pressupõe a acção, e a acção é, em si, necessariamente valorativa. O sujeito, ao atribuir valor ao objecto, atribui valor a si mesmo, na medida em que a atribuição de valor é, em si mesma, valorativa. Ora, é a relação entre um sujeito e um objecto que constitui a experiência, sendo que a experiência é condição do conhecimento, portanto, o acto do conhecimento não pode ser abstraído da valorização axiológica.
- 19 Ora, sentido e valor assumem-se como a fonte e a foz de todas as formas da experiência, e a experiência, qualquer experiência, ocorre num tempo, está inserida na história. Deste modo, afirma Reale, é um historicismo axiológico.
- 20 Tal historicismo axiológico não resolve apenas o objecto do conhecimento, na dialéctica complementar, o próprio sujeito que se constitui como sujeito na experiência que faz patenteia o seu ser como dever ser. Pela consciência de si e das suas limitações, pela impossibilidade de experienciar o valor absoluto ou de fazer a experiência metafísica da totalidade, o ser do homem acha-se sempre em aberto a esse horizonte de completude.
- 21 Em virtude da negação da experiência metafísica, para Miguel Reale, não é admissível o acesso à Verdade com letra maiúscula, absoluta, pois essa é reservada a Deus. Aquilo a que chegamos, a cada momento do desenvolvimento cultural, é a verdade. Estas verdades são verdades porque são parcelares, relativas a âmbitos diferentes da nossa experiência. Enquanto se referem a âmbitos diferentes da experiência e tomadas isoladamente, tais verdades podem ser relativas, no entanto, enquanto consideradas numa perspectiva de complementaridade, enquanto integráveis numa Verdade, compreende-se que as verdades parcelares não sejam relativas e que todos os saberes sejam unificáveis porque explicam um único e mesmo fundamento que se traduz, bem ou mal, na unificação da natureza. Como afirma:

Os múltiplos estratos da realidade plasmam-se [...] sem perder, todavia, a unidade essencial que a liga ao espírito como única fonte originária capaz de ser com consciência de ser e, por conseguinte, de valer, – e é por isso que todas as

objectivações culturais guardam o sentido de unidade que lhes assegura o centro irradiante de que promanam.⁵

- 22 Apesar de tudo, sendo o conhecimento um processo dialéctico entre sujeito e objecto, é adequado afirmar que, num considerado momento histórico, não é possível tudo se saber, nem na esfera do sujeito, nem na esfera do objecto; no entanto, na história, dado que os diferentes saberes sobre as diferentes experiências são integráveis, progressivamente se irá sabendo. Contudo, uma vez que é o sujeito que dá sentido e valor ao objecto, podemos sempre afirmar que o conhecimento é o conhecimento possível do sujeito e que a realidade, em si, do objecto lhe pode escapar; afinal, como podemos saber se o sentido e o valor que o sujeito atribui é verdadeiramente adequado ao que o objecto, em si, realmente é? E como poderia ser diferente? Eis um limite do conhecimento.
- 23 Este processo é dinâmico e contínuo, realiza-se na história porque na história se faz experiência, se obtém conhecimento e se atribui valor. Ora, este processo não está, à partida, determinado e não tem que obedecer a uma sequência lógica em que o antecedente condiciona o precedente. Há conhecimentos antigos que continuam válidos e verdadeiros, há momentos presentes que se podem vir a revelar como retrocessos no processo ou progresso do conhecimento. Por outro lado, a diversidade das produções culturais implica avanços e recuos na experiência que fazemos do mundo; no entanto, traduzem-se, em cada momento histórico, em quadros referenciais axiológicos, éticos, estéticos, gnosiológicos.
- 24 A razão humana não se pode abstrair da realidade em que existe e se descobre. Está, desde logo, inserida no tempo e na história, na natureza e na cultura. Aí se descobre o homem como ser criador de valor e de sentido.
- 25 A atribuição de valor só faz sentido na objectivação possibilitada pela experiência que o homem faz do mundo e toda a experiência é histórica. Assim, a valoração é temporalmente situada num horizonte de possibilidades de realização sempre em aberto, o que faz com que o ser do homem seja um dever ser, em contante criação. Para melhor compreensão, nas palavras de Miguel Reale:
- É a razão pela qual é essencial à imagem plena e completa do homem, não só o que ele é actualmente, mas o que foi, e o que é que pode ser, visto não ser a história apenas o tempo que já adquiriu conteúdo axiológico, a temporalidade que já se converteu em vivência, em praxis, em valoração cultural, mas também o tempo futuro, que dará novo significado ao passado. A reflexão crítico-histórica não deve ser pois entendida empiricamente, como um descritivo debruçar-se sobre o passado (...) mas é antes um inserir-se na temporalidade, como passado, e perspectiva prospectiva do futuro, (...) o que nos conduz à abordagem do historicismo em termos axiológicos.⁶
- 26 A própria metafísica surge como indagação a partir desse envolvimento histórico. Surge como possibilidade de afirmação de um quadro compreensivo global da experiência histórica, preenchendo esse horizonte nunca acabado do ser do homem.
- 27 No horizonte da inquirição metafísica, não nos basta uma consciência intencional que sustenta, na experiência directa do objecto, o possível conhecimento. A totalidade da entidade metafísica não admite a correlação ou uma complementaridade entre termos distintos. A este nível o possível é a conjectura.
- 28 A conjectura relaciona-se com a verdade que ambiciona de modo probabilístico; no entanto, como conjectura que é, nunca se pode identificar com a Verdade, é uma mera enunciação de uma possibilidade. Contudo, ao ser uma possibilidade de sentido

englobante do concreto experienciável, do mundo da natureza e da cultura, apresenta-se, desde logo, como horizonte de sentido possível, também ele em aberto como o ser do homem – esse é o seu valor.

- 29 De outro modo, como conjectura que é, enuncia em si os limites do conhecimento, pois afirma um poder ser por impossibilidade de em experiência metafísica se conhecer o Ser. A natureza da conjectura, enquanto conjuntural, afirma, desde logo, os limites do conhecimento, pois que põe apenas uma possibilidade de poder ser e não o ser.
- 30 Para Miguel Reale:
- ... as conjecturas são soluções plausíveis (...) Quem conjectura, de certo modo, encapsula tacitamente o que lhe dita a teoria geral do conhecimento, quanto às rigorosas correlações subjectivas objectivas e seus limites, ele deliberadamente parte do já sabido por experiência, visando ir além dela, levando consigo a convicção ontognoseológica de que não lhe será dado resolver problemas mas tão só responder a perguntas como se lhes correspondessem objectos e soluções.⁷
- 31 O acto de conjecturar é a tentativa de pensar além do experienciado e conceptualizado, no sentido do plausível que, respeitando aquele, venha a preencher as suas lacunas e a completá-lo, renunciando a resolver problemas mas procurando responder a perguntas “como se” lhes correspondessem objectos e soluções plausíveis. A razão conjectural, mais do que probabilística, é uma razão imaginativa geradora, não de novos conceitos ou formas de categorizar o mesmo real já definido, mas de ideias enquanto perspectivas ou vectores de sentido que possam actuar como coordenadas sistemáticas ou reguladoras das experiências que reconhecemos insuficientes.
- 32 Podendo ser pensável do ponto de vista lógico, a conjectura metafísica não pode ser afirmada como verdade do ponto de vista gnosiológico – o que não quer dizer que seja necessariamente falsa.
- 33 O pensamento conjectural, consciente dos seus limites, não deixa de intentar o conhecimento do Ser, culminando assim numa tensão entre o saber de experiência e o saber conjectural. Ora, esta tensão, ao contrário do que à primeira vista possa parecer, não é limitativa, antes pelo contrário, o pensamento conjectural instaura novas possibilidades interpretativas da própria experiência que a cada momento se faz. A própria natureza da conjectura a sujeita a permanente teste de prova e revisibilidade, negando-se, afirmando-se, reformulando-se.
- 34 Deste modo, a conjectura metafísica enquadra-se, mais uma vez, na dialéctica da complementaridade entre o pensar por ideias (conjecturas metafísicas) e a ordem da experiência. Trata-se, pois, da complementaridade entre a teoria e a prática, entre o pensamento e a acção.
- 35 Importante reter que a conjectura metafísica aponta para o mesmo real que a ciência, com a diferença de que à crescente particularidade dos conceitos desta oferece o complemento de ideias progressivamente mais abrangentes, «tendo como seu objecto o sentido do horizonte» transobjectivo, englobante de todos os objectos.
- 36 A conjectura metafísica não corrige, nem soluciona o que no campo da experiência se mostra insolúvel, projecta-se, sim, para além do campo da experiência, para algo que a transcende, embora essa projecção tenha por ponto de partida o horizonte histórico-cultural.
- 37 Para concluir apontamos algumas das ideias centrais do pensamento do autor que aqui quisemos expor:

- 38 Para Miguel Reale a Filosofia é essencialmente Ontognosiologia, a inquirição pelo Ser faz-se a partir do conhecer. O conhecimento é possível na experiência que fazemos do mundo e de nós próprios, numa dialéctica de complementaridade entre sujeito e objecto que é criadora de sentido e de valor. Tal processo revela uma outra dialéctica entre a cultura e a natureza que, enquadrada nas realizações históricas, denota a lacuna da possibilidade de um saber total e englobante. A inquirição sobre tal saber, necessariamente de ordem metafísica, da qual não fazemos experiência, é de natureza conjectural e, embora parecendo uma limitação, é, pela sua abertura à possibilidade de ser, condição de liberdade.
- 39 Para Miguel Reale o conhecimento resulta de uma relação de iguais entre sujeito e objecto. Os dois termos da relação são igualmente determinantes no processo do conhecimento e, nesse sentido, não podemos afirmar que o elemento racional impõe a sua racionalidade ao elemento real, nem o real se apresenta necessariamente como adequado às estruturas da racionalidade. No processo do conhecimento, sujeito e objecto estabelecem uma correlação dinâmica entre dois termos distintos; tal relação denomina-se de experiência.
- 40 Para Miguel Reale, não é possível admitir uma dialéctica entre termos contraditórios; no limite podemos admitir uma dialéctica em termos contrários, embora o seja sempre entre termos de natureza distinta, desde que seja admissível que se relacionem e mantenham a sua respectiva identidade distinta.
- 41 Ora a experiência possível, que é valorativa, não se pode estender ao plano puramente ideal ou metafísico onde a conjectura residirá sempre como conjectura, como hipótese de. Mais, não é só a cada tempo histórico que as diferentes relações e experiências tidas se assumem como complementares, mas ainda em todos os momentos experienciáveis, quer os do passado quer os do presente.
- 42 Fazamos experiência de nós, dos outros, da natureza, de Deus. Experienciando, conhecendo, vivendo, com sentido e com valor, actualizaremos o Ser em nós.
-

NOTES

1. REALE, Miguel, *Introdução à Filosofia*, São Paulo, Ed. Saraiva, 1989.
2. Cf. *Ibidem*, pp. 135-136.
3. REALE, M., *Experiência e Cultura: Para a fundamentação de uma Teoria Geral da Experiência*, São Paulo, EDUSP, 1977, p. 32.
4. *Ibidem*, p. 172.
5. Cf. *Ibidem*, p. 91.
6. Cf., *Ibidem*, pp. 134-135.
7. REALE, Miguel, *Verdade e Conjectura*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983, p. 47.

ABSTRACTS

Neste pequeno ensaio procurar-se-á determinar como, em Miguel Reale, a ontognoseologia se constitui como uma teoria geral da experiência, onde se concretizam e se relacionam dialecticamente o ser e o conhecer. Por outro lado, aferiremos como a tese da impossibilidade da experiência metafísica e, conseqüentemente, do seu conhecimento parte da concepção da irreducibilidade da experiência humana, que é sempre histórica, e que, por isso, reduz a inquirição metafísica ao nível da mera conjectura. Na dialéctica entre sujeito e objecto, no processo do conhecimento, emerge o valor, a determinação axiológica, e na acção, na experiência histórica e cultural que fazemos de nós no e do Mundo emerge o sentido. Assim, pelo conhecer constituímos-nos e sendo actualizamos o Ser.

In this small essay we intend to show that Miguel Reale conceives the notion of ontognoseology as a general theory of experience, where being and knowledge are in a dialectally relation, by which they both become justify. On the other hand, we will assess how the thesis of the impossibility of metaphysical experience and, as a consequence, of the inevitability of a conjectural approach, derives from a conception of the irreducibility of human experience, that is always historical and, as so, reduces the metaphysical enquiry to the level of a mere conjecture.

In the processes of knowing, in the dialectic between subject and object, emerges the value, the axiological determination and, in human agency, in historical and cultural experience that we do of us and of the World, we accomplished meaning. As so, we become what we are by knowledge and doing so we verify what is.

INDEX

Keywords: ontognoseology, subject, object, axiology, value, meaning, metaphysics, conjecture

Palavras-chave: ontognoseologia, sujeito, objecto, axiologia, valor, sentido, metafísica, conjectura

AUTHOR

LUÍS LÓIA

Universidade Católica Portuguesa.

Luís Miguel Loia Reis (Luís Lóia) é licenciado em Filosofia, pós-graduado em Educação para a Cidadania e mestre em Ciência Política e Relações Internacionais, pela Universidade Católica Portuguesa. É Professor Assistente da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa e Professor de Filosofia e Psicologia do Colégio Manuel Bernardes. Investigador do Centro de Estudos de Filosofia (CEFi) da Universidade Católica Portuguesa, Secretário-Geral de 2008 Ano Vieirino, Formador de Professores do Ensino Básico e Secundário nas áreas de Educação para a Cidadania e Valores, tem como principais áreas de interesse académico a Filosofia do Conhecimento e do Direito, a Ciência Política e a Cidadania, áreas onde tem leccionado,

investigado e publicado. Recentemente tem despertado para o estudo da Filosofia Portuguesa com particular incidência no pensamento de Padre António Vieira, Fernando Pessoa, Agostinho da Silva e Eudoro de Sousa.

Actualmente, prepara o seu Doutoramento em Filosofia, na Universidade Católica Portuguesa, com um estudo intitulado “Crença e Imaginação em David Hume”.

BA in Philosophy, MA in Political Science and International Relations, Post-graduate in Education for the Citizenship from the Universidade Católica Portuguesa, he’s preparing his PhD on “Belief and Imagination in David Hume». Assistant at the Faculdade de Ciências Humans from the Universidade Católica Portuguesa and teacher of Philosophy and Psychology of the Colégio Manuel Bernardes. Researcher of the Centro de Estudos de Filosofia (CEFi) from the Universidade Católica Portuguesa; General-Secretary of the Vieira’s Year. Main research interests: Philosophy of Knowledge; Philosophy of Law; Political Science, Citizenship, Portuguese Philosophy.